

A filosofia, os filósofos e a incessante busca da verdade



A Filosofia, os Filósofos
e a Incessante
Busca da Verdade

© 2015 – Nelci Silvério de Oliveira

A Filosofia, os Filósofos e a Incessante Busca da Verdade
Nelci Silvério de Oliveira

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira, SP – Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-344-0

1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
Produzido no departamento gráfico da

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Fone: 19 3451-5440

conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oliveira, Nelci Silvério

A filosofia, os filósofos e a incessante busca da verdade / Nelci Silvério de Oliveira – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2015.

270 p.

ISBN 978-85-7618-344-0

1. Filosofia 2. Autoconhecimento I. Título

15-0751

CDD – 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia

Nelci Silvério de Oliveira

A Filosofia, os Filósofos e a Incessante Busca da Verdade

1ª edição
2015



OUTROS LIVROS DO AUTOR:

O Evangelho de Tomé
Os Evangelhos em sua Natureza, Essência e Profundidade
A Filosofia, os Filósofos e a Incessante Busca da Verdade

Ao chegarmos a este mundo, nós chorávamos,
ao passo que outros sorriam.

Pois bem: Devemos viver de tal modo que,
quando partirmos, todos chorem, enquanto
nós sorrimos.

Provérbio oriental

Sumário

Prefácio.....	14
---------------	----

Introdução: Natureza e limites da filosofia

1. A filosofia	17
2. A filosofia e o problema do conhecimento.....	19
3. Filosofia e ciência.....	23
4. Os grandes temas da filosofia.....	26

Primeira parte: A filosofia no Ocidente

Capítulo I: A filosofia naturalista

1. Início da filosofia no Ocidente.....	33
2. Os filósofos naturalistas.....	34

Capítulo II: O Universo é estático ou dinâmico?

1. A concepção estática e a teoria dinâmica do Universo.....	44
2. Parmênides e a concepção estática.....	44
3. Heráclito e a Teoria Dinâmica.....	45
4. Heráclito e a sabedoria.....	47
5. O Logos de Heráclito.....	47

Capítulo III: A filosofia pitagórica

1. Pitágoras	49
2. A doutrina de Pitágoras.....	51

3. Pitágoras e a iniciação dos discípulos	53
4. Os Versos de Ouro.....	56
5. A influência pitagórica.....	59

Capítulo IV: A filosofia relativista

1. Os sofistas	60
2. Os principais sofistas	61
3. As concepções sofisticas.....	65

Capítulo V: A filosofia do autoconhecimento

1. Sócrates.....	69
2. Sócrates e os sofistas.....	71
3. Sócrates e a virtude	72
4. O método socrático.....	73
5. A pedagogia socrática.....	74
6. Sócrates e o autoconhecimento	75

Capítulo VI: A filosofia do prazer

1. Escolas do prazer	77
2. A escola hedonista	79
3. A escola epicurista	80

Capítulo VII: A filosofia do ascetismo

1. Escolas do ascetismo	83
2. A Escola do cinismo	84
3. A Escola do estoicismo	86

Capítulo VIII: A filosofia platônica

1. Platão.....	90
2. A obra de Platão.....	91
3. A alegoria da caverna	93
4. O “Eidos” de Platão.....	93

Capítulo IX: A filosofia aristotélica

1. Aristóteles	97
2. A obra de Aristóteles	98

3. A metafísica.....	100
4. A “Morphè” de Aristóteles	102

Capítulo X: Diferenças entre a concepção platônica e a visão aristotélica

1. Platão e Aristóteles.....	103
2. A verticalidade platônica e a horizontalidade aristotélica.....	106

Capítulo XI: A filosofia neoplatônica

1. O monismo neoplatônico	111
2. O monismo neoplatônico e o dualismo eclesiástico	115
3. Agostinho e o neoplatonismo.....	118

Capítulo XII: A filosofia empirista

1. O empirismo.....	124
2. O modelo empirista	124
3. Os limites do entendimento.....	127
4. O ceticismo universal.....	128
5. O empirismo evolucionista.....	130

Capítulo XIII: A filosofia racionalista

1. O racionalismo	133
2. Descartes e o conhecimento	133
3. A harmonia preestabelecida do Universo	137
4. A filosofia do absoluto	139

Capítulo XIV: A filosofia vivida

1. Viver a filosofia	142
2. Deus, o homem e o mundo.....	144
3. Influência de Spinoza.....	150

Capítulo XV: A filosofia da natureza

1. Rousseau	152
2. Retorno à natureza	153
3. A política	157
4. A religião.....	158
5. A educação	159

Capítulo XVI: A filosofia kantiana

1. Kant	162
2. A razão pura e a razão prática	163
3. O imperativo categórico.....	165

Capítulo XVII: A filosofia voluntarista

1. O voluntarismo.....	168
2. A busca do nirvana.....	168
3. A apologia do Super-homem.....	172

Capítulo XVIII: A filosofia intuitiva

1. Bergson	175
2. O conhecimento.....	176
3. A ética.....	179
4. A religião.....	180

Capítulo XIX: A filosofia da dor

1. Pietro Ubaldi e a filosofia da dor	182
2. Pietro Ubaldi no Brasil.....	187
3. A obra de Pietro Ubaldi.....	189

Capítulo XX: A filosofia univérsica

1. Vida de Huberto Rohden	193
2. A obra de Huberto Rohden	195
3. Huberto Rohden e a filosofia univérsica.....	198

Segunda parte: A filosofia no Oriente

Capítulo I: A filosofia cósmica

1. Krishna e a filosofia vedanta.....	205
2. Jesus de Nazaré e a filosofia panenteísta ou monista.....	207
3. Semelhanças entre Krishna e Jesus.....	210

Capítulo II: A filosofia hermética

- 1. O Toth ou Hermes.....216
- 2. Os princípios fundamentais da filosofia hermética220

Capítulo III: A filosofia monista

- 1. Lao-Tse.....230
- 2. O Tao Te King.....231

Capítulo IV: A filosofia budista

- 1. Gautama Siddhartha, o Buda236
- 2. O decálogo de Buda.....238
- 3. Os quatro princípios da filosofia budista.....239
- 4. Os oito caminhos da redenção240

Capítulo V: A filosofia prática

- 1. A meditação245
- 2. O yoga.....246
- 3. Os diversos tipos de yoga.....247
- 4. O yoga real de Patanjali.....249

Conclusão: A filosofia do futuro e o futuro da filosofia

- 1. Ciência, filosofia e religião.....256
- 2. A filosofia politeísta ou pluralista.....257
- 3. A filosofia panteísta ou totalista.....258
- 4. A filosofia monoteísta ou dualista259
- 5. A filosofia panenteísta ou monista260

- Referências bibliográficas265

Prefácio

De forma sucinta e objetiva, aqui se encontra uma sùmula da sabedoria filosófica universal, sabedoria do Ocidente e do Oriente. Em se tratando de filosofia, raramente temos assim uma obra tão completa. É costume nos meios acadêmicos comuns tomar-se por filosofia apenas a primeira parte desta obra.

O autor é professor universitário aposentado, portando longa experiência na arte de ensinar ou transmitir conhecimentos. Com extensa produção intelectual, seu campo de atuação se move entre o direito, a filosofia e a sabedoria denominada univérsica.

Em todos os seus livros – num total de treze – a preocupação maior é com o leitor. Nem é preciso dizer da dificuldade normal que caracteriza um texto de filosofia; mas nesta sùmula o que se sobressai, sobretudo, é a intenção de acessibilidade ao mediano leitor. Mesmo utilizando terminologia técnica, o que é necessário para atender ao espírito de rigor, o desejo de explicitar ou esclarecer os termos não está ausente.

Quem estuda sabe que toda doutrina filosófica pode ser classificada em exotérica ou esotérica, segundo a natureza de seu assunto. *Exotérico* é o que se dirige ao grande público, expressando coisas relativamente fáceis, conforme a denominação do filósofo; e *esotérico*: o que é difícil ou profundo, sendo apreendido por poucos.

Embora julgada difícil por muitos estudantes universitários, podemos dizer, no entanto, que de modo geral a filosofia

ocidental é fácil, comparativamente à oriental, pelo caráter altamente intuitivo desta última. Nossa mente ou consciência tem sido moldada no sistema racionalista-especulativo, enquanto a consciência oriental é mais direta e introspectiva.

A nosso ver, são as seguintes as condições para a leitura da presente obra: embasamento intelectual sem preconceitos para as duzentas primeiras páginas, mais exatamente até o capítulo XVII, e muita abertura do espírito para as cem páginas restantes, ou seja, a parte que vai do capítulo XVIII até o fim, incluindo aí a conclusão.

Mas *A filosofia, os filósofos e a incessante busca da verdade* não é mera exposição de doutrinas. Existe aí uma postura instigativa; tal como faz o bom professor em relação a seu aluno (a), motivando-o (a), estimulando-o (a), assim também o autor se comporta em relação a seu leitor (a).

Além disso, não se trata de um livro de curiosidades intelectuais exóticas, como às vezes se julga um texto de filosofia. Quem o lê deve estar movido pelo desejo de encontrar coisas profundas; aliás, não só profundas, mas também urgentes, urgentíssimas.

Observações complementares e necessárias:

1 – A verdade depende da busca intelectual sincera, honesta e livre. Ela não é questão de eruditismos, sectarismos ou fanatismos de quaisquer tipos; não é repetição mecânica de doutrinas, por mais sábias ou sagradas que sejam. A verdade, numa frase, está além de crenças, padrões culturais estabelecidos, conceitos ou preconceitos, suposições teóricas sobre tudo.

2 – As grandes obras da cultura universal, indubitavelmente, são úteis nessa busca, mas não representam a perfeição do espírito, o qual possui exigências mais que intelectivas. É interessante perguntar se a verdade pode ser escrita. Estudar as doutrinas é tarefa importante, mas não podemos nos esquecer que aquilo que se busca – a verdade – tem a ver diretamente com o ser.

3 – Nenhuma linguagem é o ser. Como diz o ontólogo, a linguagem é apenas uma “clareira”. Mas evidentemente também não podemos dispensar tal clareira; o homem é um ser linguístico. A *clareira*, para nós, é uma espécie de guia; ela é a “palavra que salva” em nossos descaminhos, descaminhos da sensibilidade ou sensações enganadoras, como diria Platão.

4 – Muitas pessoas, às vezes, lêem muito, como acostumados estudiosos intelectuais que são. Mas nem sempre sabem discernir a verdadeira finalidade da leitura, a qual se encontra nas entrelinhas do texto. A verdadeira finalidade da leitura consiste em abrir as portas da própria percepção interna, da inteligência ou consciência. A mera informação acomoda o espírito, quando não ocasiona também o tolo pedantismo.

5 – Pela forma sincera e honesta do presente texto, ficamos convictos de que ele não será apenas mais um curso de filosofia. Cursos de filosofia há em muitos lugares, sobretudo nas academias; porém, o que aqui se propõe vai além de um curso. O autor, sabendo da importância de seus conteúdos, faz principalmente um alerta para a necessidade de que o leitor se volte para eles.

6 – Concluindo, e ainda focalizando o assunto exposto, podemos dizer que nesta obra trata ou tem em vista a Filosofia com **F** maiúsculo, coisa rara hoje em dia nos meios oficialmente considerados filosóficos. Se a Verdade é o tema, então não basta uma filosofia com **f** minúsculo. E não será o conjunto das filosofias com **f** minúsculo que dará conta de seu objetivo. Aqui se expõem várias filosofias para sugerir que é preciso transcender todas elas; isto nos parece claro na segunda parte da obra.

De resto, só devemos desejar o melhor proveito de sua leitura ou estudo ao leitor.

Prof. Waldir Souza Guimarães
Mestre em Filosofia, leciona na PUC – Goiás.

Natureza e limites da filosofia

1. A filosofia
2. A filosofia e o problema do conhecimento
3. Filosofia e Ciência
4. Os grandes temas da filosofia

1. A filosofia

É opinião comum dos doutrinadores que a filosofia nasceu na Grécia. Todavia, não se há de acreditar nisto. Cerca de 2.400 anos antes que o primeiro filósofo ocidental pudesse despertar, já havia filosofia na Índia, com Krishna. No Egito, o Toth ou Hermes Trismegistus também já filosofava, com grande e rara maestria, antecipando-se aos gregos em aproximadamente 16 séculos.

Pelo visto, a famosa expressão *ex-Oriente lux*, isto é, do Oriente vem a luz, é literalmente verdadeira, seja em termos físicos ou metafísicos.

Quanto ao *filosofar* que, por sinal, não se confunde com a Filosofia, é muito mais antigo, pois inicia-se com o despontar da inteligência humana neste planeta. É que, ao emergir das trevas dos sentidos para a penumbra da inteligência, o homem já o fez, *filosofando*. Sob esse aspecto, todo homem não deixa de ser filósofo, mesmo que ainda não tenha atualizado sua *potencialidade* filosófica.

Tudo, porém, evolui, como tem evoluído o próprio conceito de Filosofia. Hoje, por exemplo, na opinião de Huberto ROHDEN (*O pensamento filosófico da Antiguidade*, p. 19):

... ser filósofo não significa decorar uma série de sistemas de pensamento humano horizontalmente alinhados.

dos e analiticamente justapostos; esse erro e método fastidioso têm afastado muitos homens da verdadeira filosofia. Ser filósofo quer dizer descobrir as linhas mestras através da desconcertante e, por vezes, caótica multiplicidade de sistemas e correntes, enxergar essas linhas como torrentes convergentes do mesmo pensamento; ver o *simbolizado* através dos *símbolos*, a unidade através da multiplicidade; penetrar os invólucros opacos da letra e descobrir por detrás, ou antes, dentro dessas paredes opacas, feitas transparentes, a luz do *espírito*; ver a luz branca ou incolor como causa única de todas as cores do prisma solar. Ser filósofo genuíno e integral quer dizer, antes de tudo, tomar a verdade eterna, absoluta e única, como norma de sua vida, individual e social.

Os gregos não criaram a filosofia, *sistematizaram-na*.

A palavra *filosofia*, esta sim, é de origem grega, composta de *philos*, cujo significado é amor, amizade; e *sophia*, que quer dizer *sabedoria*. O filósofo, pela sua atitude e sua postura, é, acima de tudo, um *amigo da sabedoria*. Devemos o vocábulo à modéstia do homem grego. Segundo o célebre orador romano, Marco Túlio Cícero e o historiador grego, Diógenes Laércio, Pitágoras (530-470 a.C.), certa vez, ao ser chamado de *sábio* (*sophòs*), recusou delicadamente este pomposo e grandiloquente título, dizendo-se ser apenas *philosophos*, ou seja, *amante da sabedoria*. Sócrates (469-399 a.C.) cultivou a mesma modéstia, pois, conforme Platão (428-347 a.C.) ele considerava o nome *sophòs* por demais sublime, a ser aplicado somente à Divindade, enquanto *philosophos* seria mais adequado e mais justo.

Mas, que vem a ser a filosofia?

A filosofia é extremamente complexa, tão complexa como a mente humana. Ela pode ser vista sob inúmeros aspectos, a partir de vários critérios, como *busca do saber* (critério nominal), *cosmovisão* (critério global) *crítica das ciências* (critério dos postulados), *conhecimento das primeiras causas e dos supremos princípios da existência* (critério causal), e *como estimativa ou crítica da vida* (critério axiológico).

Contudo, nenhum desses critérios, enfocado de maneira iso-

lada, é suficiente ou satisfatório para iluminar e dar sentido à filosofia. Mas, todos eles, unidos e entrelaçados em um conjunto simultâneo e dinâmico, é que realmente podem caracterizá-la.

2. A filosofia e o problema do conhecimento

No século IV, antes de nossa era, o genial Platão dizia que o homem é o único ser que tem problemas. De fato, nem Deus nem os animais os têm. O animal é naturalmente limitado, é ignorante, *não sabe*, porém, não sabe que não sabe e, por isso mesmo, não sente nenhuma necessidade de saber. Deus tudo sabe e conseqüentemente não tem problema; n'Ele *o conhecimento, o conhecedor e o conhecido* são exatamente o mesmo, e isto significa simplesmente saber infinito, eterno, perfeito e absoluto. O homem, no entanto, não sabe, *sabe que não sabe* e sabe que precisa saber aquilo que não sabe, ou seja, o homem é realmente o único ser que tem consciência de sua própria ignorância e, portanto, da urgente e inevitável necessidade de preenchê-la por meio do saber ou através do conhecimento.

Por isso, justamente por isso, a sede de saber, a ânsia de conhecer, é algo essencial ao homem, brota de sua inequívoca condição humana. Todos os homens *normais*, sem nenhuma exceção, inevitavelmente desejam saber.

Mas, que é o conhecimento? Que é o saber? Como é que o homem conhece?

O conhecimento é a relação do *sujeito cognoscente* com o *objeto cognoscível*, é a representação do objeto dentro do sujeito, entendendo-se por sujeito cognoscente o homem enquanto conhece, ao passo que objeto cognoscível é o objeto apto a ser conhecido.

Há toda uma parte especial da filosofia que cuida do conhecimento. Trata-se da *gnoseologia*, do grego *gnosis* = conhecimento, e *logia* = doutrina. Gnoseologia, portanto, é a Teoria do Conhecimento. Cabe, assim, à gnoseologia estudar o conhecimento em sua essência ou natureza, sua origem, seus graus e seu alcance.

Então, o saber ou conhecimento admite certos graus de perfeição, isto é, está sujeito a determinados níveis de profun-

didade. Tais graus do saber ou camadas de profundidade do conhecimento, tradicionalmente reconhecidos, são *o vulgar, o científico e o filosófico*.

O saber vulgar, que muitos doutrinadores impropriamente denominam de *empírico*, é aquele ingênuo e superficial, que *nos é dado espontaneamente pelos sentidos e interpretado pela inteligência*. É o saber geral da massa, da opinião pública, da *vox populi*, e, que, muito ao contrário do que o próprio povo diz, não é a *vox Dei*, a voz de Deus, mas, a voz da mediocridade coletiva, a voz da vulgaridade social. René COSTE (*Moral para uma sociedade que se transforma*, p. 79) afirma que “a massa é uma interconexão de robôs, de autômatos, teleguiados em direção a algum objeto do interesse de quem os comanda”. LUÍS RACASÉNS SICHES (*Tratado de sociologia*. vol. 2, p. 499), por sua vez, assevera: “as grandes massas só podem ser movidas e dirigidas por ideias simples, pois o que é comum a muitos, há de ser acessível aos espíritos mais primitivos.”

Pelo que se vê, o saber vulgar é o saber quantitativo, epidérmico, de *slogan*, de algibeira, e traz como principais características: *popular, comum, de primeiro grau, casual, ametódico e assistemático*.

Ao contrário do conhecimento vulgar, o saber científico é certo e ordenado, porque estabelecido em virtude de causas e consequências que formam um sistema lógico e harmonioso, apto a ser transmitido e assimilado metodicamente e, por isso, aspira a uma validade universal, no espaço e no tempo.

São características do conhecimento científico: *de segundo grau, causal, metódico, sistemático, parcialmente unificado*.

Quanto ao saber filosófico, que Régis JOLIVET (*Tratado de filosofia*. Vol. 1, p. 14) considera “a mais elevada expressão da necessidade de saber”, tem por função, antes de tudo, a busca das últimas causas e dos supremos princípios de todas as coisas, fatos e fenômenos existenciais do Universo; proporcionar ao ser humano uma correta visão de homem numa adequada visão de mundo; e, em segundo plano, a crítica, a unificação e a universalização do próprio conhecimento científico.

O conhecimento filosófico é de *terceiro grau, metódico, sistemático, totalmente unificado*.